



RESENHAS

HISTÓRIAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA: O DESAFIO DA PERIODIZAÇÃO EM A *VERDADEIRA HISTÓRIA DA FICÇÃO* *CIENTÍFICA*, DE ADAM ROBERTS

HISTORIES OF SCIENCE FICTION: THE CHALLENGE OF
PERIODIZATION IN *THE HISTORY OF SCIENCE FICTION*,
BY ADAM ROBERTS

*Ana Rüsche*¹

1 Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLM, FFLCH-USP) com a tese "Utopia, feminismo e resignação em *The left hand of darkness* e *The handmaid's tale*", obras de Ursula Le Guin e Margaret Atwood.

Escritora, seu último livro é "Do amor - o dia em que Rimbaud decidiu vender armas" (Quelônio, 2018).

RESUMO: O autor e crítico britânico Adam Roberts, em seu livro *A verdadeira história da Ficção Científica*, projeta o início da ficção científica (FC) para a Antiguidade Clássica. Esta resenha crítica pretende analisar a premissa histórica do autor tendo em vista o desafio da periodização dessa espécie literária, contrastando com ideias críticas de Brian Aldiss, Gary Westfahl, James Gunn, Mark Bould e Sherryl Vint, sem esquecer de autorias brasileiras, como André Carneiro, Braulio Tavares, Raul Fiker e Roberto Causo, entre outras autorias. Ainda se analisará a premissa anglocêntrica de Roberts, ao não visibilizar contribuições científicas de civilizações árabes e ibéricas, entre outras, embora se frise a validade da obra para ampliar as perguntas críticas no estudo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção científica, Era Pulp, periodização

ABSTRACT: *The History of Science Fiction*, by the British author and critic Adam Roberts, traces the beginnings of Science Fiction (SF) to Classical Antiquity. This critical review aims to analyze the author's historical premise given the challenge of periodization of this literary genre, contrasting Robert's ideas with critical thoughts by Brian Aldiss, Gary Westfahl, James Gunn, Mark Bould, and Sherryl Vint, without forgetting Brazilian contribution in this matter by André Carneiro, Braulio Tavares, Raul Fiker and Roberto Causo, among others. Roberts' Anglocentric premise will also be analyzed, as he does not make visible the scientific contributions of Arab and Iberian civilizations, among others, although the importance of his work will be stressed in contemporary studies.

KEYWORDS: Science fiction, Pulp Era, History

A existência de uma obra panorâmica dedicada à História da Ficção Científica (FC) no mercado editorial brasileiro é motivo de comemoração e estudos. Lançado pela editora Seoman, o livro de Adam Roberts, *A verdadeira história da Ficção Científica – do preconceito à conquista das massas* (trad. Mário Molina, Seoman, 2018), tornou-se, imediatamente, uma referência às pesquisas nacionais sobre o gênero, um catatau de 700 páginas, uma viagem maravilhosa com origem na Antiguidade e com destino ao século XXI.

A obra abrange, como é de se esperar, temas complexos — além do desfile de nomes e títulos, trata da conceituação da FC e até da inclusão de novas vozes na FC contemporânea. Assim, diante da extensão da obra, este breve texto pretende concentrar-se em três pontos: (a) a trajetória do crítico para construção de uma historiografia para a FC; (b) a premissa histórica do autor sobre quais seriam os marcos iniciais para a Ficção Científica, contrastando com outras obras semelhantes da crítica anglófona e brasileira; (c) a mirada anglocêntrica ao conceituar “ciência moderna”, apagando contribuições científicas de civilizações árabes e ibéricas, entre outras, descobertas fundamentais para as navegações europeias, cuja ocorrência ampliaria o imaginário sobre o que seriam “viagens maravilhosas” — essas, segundo Roberts, centrais para o estabelecimento da ficção científica.

ADAM ROBERTS E AS EDIÇÕES SOBRE HISTÓRIAS POSSÍVEIS À FC

Nascido em 1965, o autor britânico Adam Charles Roberts atua como docente na Royal Holloway University em Londres. Sua produção permite delinear um autor interessado no estudo de obras populares, no humor e nos jogos de linguagem. Como ficcionista, publicou *Stone* (2002), *Gradisil* (2006), *Jack Glass* (2012, premiado pela Associação Britânica de FC), *Splinter* (2007) e *The Black Prince* (2018, elaborado a partir de um roteiro de Anthony Burgess), entre outros. Sobre o romance *Stone*, há um artigo interessante de André Cardoso e Carla Portilho a respeito do uso da física quântica, subjetividade e utopia nessa narrativa (CARDOSO, PORTILHO, 2017). O

autor é famoso por engraçadas paródias — exemplos são *The Sellamillion* (paródia de *O Silmarillion* de J. R. R. Tolkien); *Star Warped* (a partir da série *Star Wars*) e *I am Scrooge: A Zombie Story for Christmas* (paródia de *Um conto de Natal* de Charles Dickens), entre outras. Em sua produção crítica, além de tratar sobre a história da FC, Roberts dedicou-se ainda a Tolkien — em 2003, trabalhou na atualização e edição da obra clássica *Tolkien: A Look Behind “The Lord of the Rings”* de Lin Carter (1969) e, em 2013, publicou *The Riddles of The Hobbit*.

O livro ora resenhado possui o título original *The History of Science Fiction* com primeira edição em 2006. A publicação remonta à atuação do crítico desde 2000, quando lançou *Science Fiction — The New Critical Idiom*, um panorama geral a respeito do tema. Nos dez anos entre a primeira publicação de 2006 de *The History of Science Fiction* à edição atual de 2016 (traduzida ao português pela Seoman em 2018), o autor incluiu capítulos, fez inserções e correções, mostrando um amadurecimento de concepções.

A hipótese central de Roberts, ampliar o escopo da produção da ficção científica até a Antiguidade, é bastante difundida. O próprio britânico assinou textos relevantes para propagar a hipótese, a exemplo da introdução à recente edição de *Alternate Worlds: The Illustrated History of Science Fiction* de James Gunn (1975) – Gunn indica *A República* de Platão já como “a primeira das utopias que figura de forma relevante na história da ficção científica” (GUNN, 2018, p.24),² argumento próximo à hipótese de Roberts. Ainda Adam Roberts escreveu capítulo ao compêndio *The Routledge Companion to Science Fiction*, editado por Mark Bould, Andrew Butler, Adam Roberts e Sherryl Vint, capítulo no qual ficou responsável por apresentar a revolução de Nicolau Copérnico, afirmando: “(...) em termos gerais, podemos argumentar que FC começa no momento em que a ciência, como entendemos o termo hoje, começa. Copérnico tornou-se emblemático desta mudança marítima na ciência ocidental” (BOULD et al, 2009, p.4).³

2 “The Republic, the first of the utopias which figure prominently in the history of science fiction” (GUNN, 2018, p.24).

3 “(...) broadly speaking we can argue that SF begins at the time that science, as we understand the term today, begins. Copernicus has become emblematic of this sea-change in Western science” (BOULD et al, 2009, p.4).

O livro *The History of Science Fiction* recebeu um título assertivo na edição brasileira da Seoman: *A verdadeira história da Ficção Científica — do preconceito à conquista das massas*. O volume, com vocação enciclopédica, possui apelo didático, com resumo das principais ideias ao final dos capítulos. Roberts discute definições possíveis sobre a FC, depois percorrerá manifestações do que considera FC na Antiguidade Clássica, no romance medieval, no Iluminismo e seguirá adiante, século a século, até chegar no século XXI. A edição brasileira, com tradução de Mário Molina, conta ainda com textos introdutórios de Adilson Ramachandra (editor), Bráulio Tavares, Sílvio Alexandre (prefácios) e Gilberto Schroeder (posfácio) – Bráulio Tavares, escritor e especialista em ficção científica, é autor de *O Que é Ficção Científica* (1986), entre outros; Sílvio Alexandre, além de editor, foi idealizador do extinto, mas relevante festival Fantasticon; e Gilberto Schroeder publicou *Ficção Científica* (1986), entre outras obras.

“PLUTARCO É FICÇÃO CIENTÍFICA”: UMA HISTÓRIA ENTRE MUITAS OUTRAS HISTÓRIAS DA FC

Adam Roberts abre a obra apresentando definições possíveis ao que seja Ficção Científica. De forma bastante conciliadora, procura reunir e apresentar conceituações de Darko Suvin, Samuel Delany e Damien Broderick, entre outras, trazendo, ao final, sua própria maneira de definir o gênero como uma *ficção tecnológica*:

(...) a FC é mais bem definida como ficção tecnológica, desde que não encaremos tecnologia como sinônimo de engenhocas, mas, em sentido heideggeriano, como um modo de enquadrar o mundo, manifestação de uma perspectiva fundamentalmente filosófica. (ROBERTS, 2018, p.60)

Adiante, acrescenta que a FC poderia ser identificada “como aquela obra do Fantástico que incorpora um enfoque técnico (materialista), como oposto à abordagem religiosa (sobrenatural) que associaríamos hoje ao gênero Fantasia” (p.65).

Se, por um lado, o britânico busca harmonizar e observar pontos comuns com

a crítica anterior ao conceituar a FC, por outro lado, é na periodização que apresenta um ponto de vista díspar. Desde o prefácio de 2006, mostra-se ciente de debates prévios (cita Aldiss, Disch, Parrinder e Delany, p.34), mas insiste em considerar o que muitas autorias denominam de *proto-FC* como o próprio gênero.

De forma bastante clara, irá situar manifestações possíveis da Ficção Científica na Antiguidade — por volta de 530 a.C., o pensamento pitagórico sugeriria um modelo, “em que uma massa de fogo ocupava a posição central, e a Terra, a Lua e o Sol e outros corpos celestes giravam em torno desse ponto em intervalos determinados pela harmônica de escalas musicais” (p.67), uma análise *científica*, dentro do conceito do autor. Dessa maneira, enfatiza a obra de Plutarco *Sobre a face visível no orbe da Lua*, datada de cerca 80 d.C, a qual traz “uma discussão sobre possíveis explicações para as marcas que se veem na superfície da Lua (...) a discussão avança para a questão de saber se a Lua é habitada” (p.72), enfatizando uma mistura de investigação científica e extrapolação fantástica. O crítico britânico termina por pontuar:

Em outras palavras, a fantasia de Plutarco é um modo de fazer ciência via elaboração e invenção, o que significa dizer: é FC. (p.72)

Aproveita ainda para negar epítetos conferidos a Luciano de Samósata, quando considerado “pai da FC” — Roberts considera Luciano aliado a uma “uma anti-FC” (p.76) situando-o entre a especulação científica, viagens imaginárias e ainda a fábula de moral religiosa, apoiado em estudos de Aristoula Georgiadou e David Larmour, autores de *Lucian’s Science Fiction Novel True Histories: Interpretation and Commentary* em 1998 (p77).

A hipótese de Roberts, a FC remontaria a Plutarco, é bastante conhecida, embora a crítica divirja muito a respeito da periodização. Se, em 1979, Darko Suvin conseguiu acalmar os ânimos, construindo um conceito bastante influente na crítica hoje para definir o que seja a ficção científica — a premissa do *cognitive estrangement*, conceituando a FC como uma literatura que causaria estranhamento ao que é conhecido, a partir da irrupção do *novum*, inovação tecnológica, sem esquecer da

importância da raiz na cultura popular (SUVIN, 1979, p.4)⁴ — a periodização da FC diverge ao sabor das paixões críticas, muito mais próximo do *gustibus* do que Roberts gostaria (ROBERTS, 2018, p. 35).

Para exemplificar e também situar a história de Adam Roberts, serão visitadas algumas vertentes críticas, com suas respectivas marcações cronológicas, para se ter uma magnitude da divergência.

“Escrever a história da ficção científica é uma missão impossível”,⁵ alertam Mark Bould e Sherryl Vint no prefácio de sua *The Routledge Concise History of Science Fiction* (grifos no original, 2011, p.x). Embora o impossível sempre encante quem estuda essas literaturas, a dupla ressalta, de saída, a grande disparidade sobre um ponto nevrálgico incontornável: afinal de contas, quando se forma a FC?

A convenção mais sólida parece ser a periodização de Brian Aldiss proposta em *Billion Year Spree: The History of Science Fiction* (1973). Aldiss aponta a raiz gótica do gênero nascente, sendo um dos responsáveis por estabelecer *Frankenstein ou o Prometeu Modernos* de Mary Shelley (1818), como obra inaugural da FC.

Citações ao eixo Luciano-More-Rabelais-Cyrano-Swift-Shelley-Verne-Wells são comuns, variando a partir de quando seria “proto-FC” ou “FC para valer”. Everett Bleiler, em seu *Science-Fiction: The Early Years* (1990), sublinha que “a obra que poderia ser considerada, sem sombra de dúvida, como ficção científica, é *Sonho (Somnium)* de Johannes Kepler” — mais detalhes sobre periodizações possíveis são debatidas por Arthur Evans (1999) em artigo específico sobre o surgimento da crítica sobre a ficção científica.

Uma aceção bastante reconhecida é marcar a partir da Era *Pulp*. Mark Bould e Sherryl Vint apegam-se à raiz popular e à popularização do termo “ficção cientí-

4 Embora o peso da influência crítica do conceito de Suvin seja significativo, para a análise crítica de alguns objetos a conceituação não é suficiente, conforme anota CAUSO, “mas quando a fantasia começa a misturar-se com a ficção científica (uma das tendências mais em voga atualmente) o ‘animal’ descrito por Suvin começa a contorcer-se, libertando-se da rede conceitual”, a respeito da mescla de fantasia e FC, por exemplo, na literatura brasileira (CAUSO, 2003, p.44-45).

5 “Writing ‘the’ history of science fiction is an impossible task” (BOULD, VINT, 2011, p. x).

fica”, simpatizando com a tese de Roger Luckhurst, segundo a qual a FC só poderia emergir em relação às mudanças tecnológicas e à alfabetização em massa do final do século XIX (BOULD, VINT, 2011, p.2). Dessa forma, Bould e Vint decidem iniciar por iniciar sua “História Concisa da Ficção Científica” com a era das revistas *pulps*, vendidas em estações de trem, rodoviárias e tabacarias, no início do século XX, à massa operária com preços baratos, acabamento popular no formato 7x10 polegadas, trazendo narrativas de detetives, espionagem, velho oeste, romances tórridos, contos de terror e alienígenas.

Mesmo apontando que o termo *science-fiction* foi primeiramente utilizado por William Wilson em 1851, Bould e Vint atribuem ao editor de *pulps*, Hugo Gernsback, sua difusão, inclusive lembrando que, em 1916, teria cunhado o vocábulo “*scientific-tion*” para descrever a revista *Amazing Stories* em abril de 1926. Inclusive, criticam a inclusão de obras anteriores, pois seriam uma tentativa de “melhorá-la” com a incorporação de obras canônicas, uma hesitação sobre uma era menos glamourosa da FC (citam *Utopia* de Thomas More, *As viagens de Gulliver* de Jonathan Swift e mesmo *Frankenstein* de Mary Shelley). Gary Westfahl, autor de *The Mechanics of Wonder: The Creation of the Idea of Science Fiction* (1998), ficaria feliz com essa periodização, pois publicou seu *The Mechanics of Wonder* analisando, linha a linha o papel de Gernsback, beirando o exagero: “Hugo Gernsback foi o primeiro crítico verdadeiro de FC, quem apresentou uma teoria completa sobre a natureza do gênero, propósitos e origem” (1998, p.1)⁶.

No Brasil, durante os anos de formação da crítica especializada, alguns livros dedicaram-se a introduzir o debate, a exemplo das obras *Introdução ao estudo da “Science-Fiction”* de André Carneiro (1968) e *Ficção Científica — Ficção, Ciência ou uma Épica da Época* (1985) de Raul Fiker. Carneiro estabelece Júlio Verne como “pai da ficção científica”, tendo como base Michel Butor, e depois apontando H. G. Wells, “o segundo criador da FC moderna”. (CARNEIRO, 1968, p.39 a 41).

Fiker, embora não determine a periodização, mas tendo lido James Gunn, Kings-

6 “the first true critic of science fiction was Hugo Gernsback, who offered a complete theory of the gente’s nature, purposes and origins” (WESTFAHL, 1998, p.1)

ley Amis e L. David Allen, sugere, na conclusão de seu livro curto e bem humorado, o uso de uma estratégia de denominação bastante sagaz: “a história da FC moderna”, assim, não se compromete tanto, terminando por coadunar com a marcação de Bould e Vint:

A história da FC moderna é curta e suas fases se sucedem rapidamente. Durante os anos 1920, apesar do elã positivista de Gernsback, o gênero está misturado ao fantástico: é a época de H. P. Lovecraft e da *space opera*. Nos anos 1930, a FC propriamente dita vai se estabelecendo lenta, mas firmemente; em 1938, já há cinco revistas americanas especializadas, em 1939, treze, e em 1941, vinte e duas. Nos anos 1940, a FC já tem as características pelas quais a conhecemos hoje. (FIKER, 1985, p. 73)

A partir dessas exemplificações da divergência crítica, é possível compreender a disparidade peculiar do ponto de vista de Roberts em situar a Antiguidade como marco inaugural da FC diante do acúmulo de discussão anterior. Essa hipótese robertiana, entretanto, segue bastante difundida e comentada. Assim, somente as décadas futuras decidirão se o argumento vicejará ou se tornará uma nota para curiosos. De qualquer forma, é uma bela hipótese que provoca reflexão, amplia as possibilidades de entender a literatura insólita, sendo um exercício de imaginação bem-vindo e necessário a quem gosta de navegar por essas praias.

ÊNFASES E ESQUECIMENTOS: VIAGENS MARAVILHOSAS E O ANGLOCENTRISMO

Roberts concede grande ênfase às viagens maravilhosas, considerando-as basilares para a ficção científica, trazendo no início do prefácio de 2006 a afirmação:

Sustento que as raízes do que hoje chamamos de ficção científica são encontradas nas viagens fantásticas da novela grega antiga; e uso a expressão de Júlio Verne, *voyages extraordinaires*, que considero a forma mais flexível e útil de descrever esse tipo de texto! (ROBERTS, 2018, p.23)

Adiante considerará essencial ao gênero *Somnium* de Johannes Kepler (1634), *História Cômica dos Estados e Impérios da Lua* (1657), atribuída a Cyrano de Bergerac, assim como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1726) e *Micrômegas*, de Voltaire (1750), esses últimos “textos de FC fundamentais” do século XVIII (ROBERTS, 2018, p. 148) na insistência coerente na relação entre o viajar e a construção imaginativa dessas literaturas, unindo essas aberturas criativa a descobertas científicas que permitiram a abertura a novas possibilidades — o aprimoramento na observação das estrelas, a sofisticação de cálculos matemáticos e, depois, a fundação do que irá denominar de “ciência moderna” em 1600.

Há entretanto, um ponto de sombra na argumentação robertiana: o autor desconsidera duas épocas de contribuições científicas históricas, que impactam o modo europeu de viajar — a Idade de Ouro Islâmica e as Grandes Navegações ibéricas (para não desenrolamos mais o fio da história no sentido do sol nascente). Se Roberts considera, apoiado em Howard, que “1600 é o mais importante ponto de reviravolta no desenvolvimento da ciência moderna” (ROBERTS, 2018, 97), certamente se refere somente à ciência que irá afetar o território anglófono de forma mais direta.

A Idade de Ouro Islâmica, período entre VIII e XIII, é conhecido por estabelecer um novo patamar de conhecimentos a respeito de astronomia, matemática e cálculo (fundando, inclusive, as primeiras universidades do globo, marroquina e egípcia, nos séculos IX e X), acúmulo que tornou possível tais viagens maravilhosas — exemplo seria o período do florescimento islâmico na matemática e astronomia com a resolução feita por Nasir al-Din al-Tusi, designada como o “Par de Tusi”, contribuição que circulava traduzida na Europa, com comprovada probabilidade de ter baseada a obra de Copérnico (BOYER, MERZBACH, 2012, p.175), cientista tão comemorado por Roberts.

Depois, o pioneirismo ibérico nas Grandes Navegações durante os séculos XV e XVII, mesmo dentro do território europeu, foi responsável pelo aprimoramento do astrolábio, pela confecção de mapas e portulanos e mesmo por criar a mítica Escola de Sagres, feitos reais e ficcionais portugueses, cuja contribuição judaica merece ser acrescentada. Nas 700 páginas da obra robertiana, apesar de haver o alerta “confiamos que o leitor não vai encarar de forma muito literal esses marcos [anos de 1600]

fixados no horizonte dos anos” (p.97), não há menção a todas essas conhecidas relações na história da astronomia e matemática. Interessante notar ainda que, para outro britânico, Thomas More, as descobertas históricas permaneceram em relevo: em *Utopia*, elege justamente um protagonista português, Rafael Hitlodeu, para trazer o arquétipo do navegador experiente à época, um marinheiro de pele atrigueirada pelo sol (MORE, 2017).

Dessa maneira, mesmo que mirada robertiana sobre FC seja amplíssima, incluindo obras não-anglófonas na análise (do grego ao russo), traz esse ponto sombrio sobre as navegações europeias, o qual, em última análise, coloca em xeque todas as fichas que o autor coloca na importância do protestantismo.

Uma vez apontada a limitação do autor britânico, talvez caiba à crítica futura refletir a respeito do tema e se debruçar a respeito das possibilidades de releitura de obras em árabe, galego, espanhol, hebraico, persa ou português, para citar alguns idiomas envolvidos que poderiam movimentar materiais curiosos para a história da FC. Até mesmo para rerepresentar a máquina do mundo de Camões, cujas engrenagens moem o divino, o engenho humano e as esferas celestes em (vãs ou potentes) tentativas de amalgamar catolicismo e ciência em justas estrofes.

Feitas essas observações, recomenda-se vivamente a leitura da obra de Adam Roberts, como um convite ao pensar além, imaginar possibilidades outras para a ficção científica. Um convite para visitar obras valiosas que, sendo FC ou não, impactaram nosso pensar durante séculos e aguçam o nosso senso de maravilhamento. Talvez a grande lição de Roberts seja nos desafiar, na tarefa crítica, de pensar fora das obviedades, conhecer a tradição com profundidade e procurar caminhos para, no erro ou acerto, fazermos ciência.

REFERÊNCIAS

- ALDISS, Brian. *Billion Year Spree: The History of Science Fiction*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1973.
- BOULD, Mark *et al.* *The Routledge Companion to Science Fiction*. Londres: Routledge, 2009.
- BOULD, Mark e VINT, Sherryl. *The Routledge Concise History of Science Fiction*. Londres: Routledge, 2011.
- BOYER, Carl e MERZBACH, Uta. *História da Matemática*. Trad. Helena Castro. São Paulo: Blücher, 2012.
- CARDOSO, André Cabral de Almeida; PORTILHO, Carla de Figueiredo. *Os dilemas do indefinido: utopia, fluidez e subjetividade em Stone, de Adam Roberts*. In: Ilha Desterro, Florianópolis, v. 70, n. 2, p. 107-118, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2017v70n2p107>. Acesso em 30/09/2023.
- CARNEIRO, André. *Introdução ao Estudo da "Science-Fiction"*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1968.
- CAUSO, Roberto. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- EVANS, Arthur. *The Origins of Science Fiction Criticism: From Kepler to Wells*. In: Science Fiction Studies. N. 78, v. 26, jul. 1999. Disponível em <https://www.depauw.edu/sfs/backissues/78/evans78art.htm>. Acesso em 30/09/2023.
- FIKER, Raul. *Ficção Científica — Ficção, Ciência ou uma Épica da Época*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- GUNN, James. *Alternate Worlds: The Illustrated History of Science Fiction*. Jefferson: McFarland, 2018.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. São Paulo: Autêntica, 2017.
- ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da Ficção Científica*. Trad. Mário Molina, São Paulo: Seoman, 2018.
- ROBERTS, Adam. *Science Fiction — The New Critical Idiom*. Londres: Routledge, 2006.
- SCHROEDER, Gilberto. *Ficção Científica*. São Paulo: Francisco Alves, 1986.

SUVIN, Darko. *Metamorphoses of science fiction: on the poetics and history of a literary genre*. New Haven: Yale University, 1979.

TAVARES, Bráulio. *O que é Ficção Científica*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WESTFAHL, Gary. *The Mechanics of Wonder: The Creation of the Idea of Science Fiction*. Liverpool: Liverpool University Press, 1998.